

ANÁLISE DOS REMANESCENTES ARQUEOLÓGICOS PROVENIENTES DO PROJETO DE MONITORAMENTO DA PCH INDAIÁ GRANDE, MUNICÍPIO DE CASSILÂNDIA, MS.

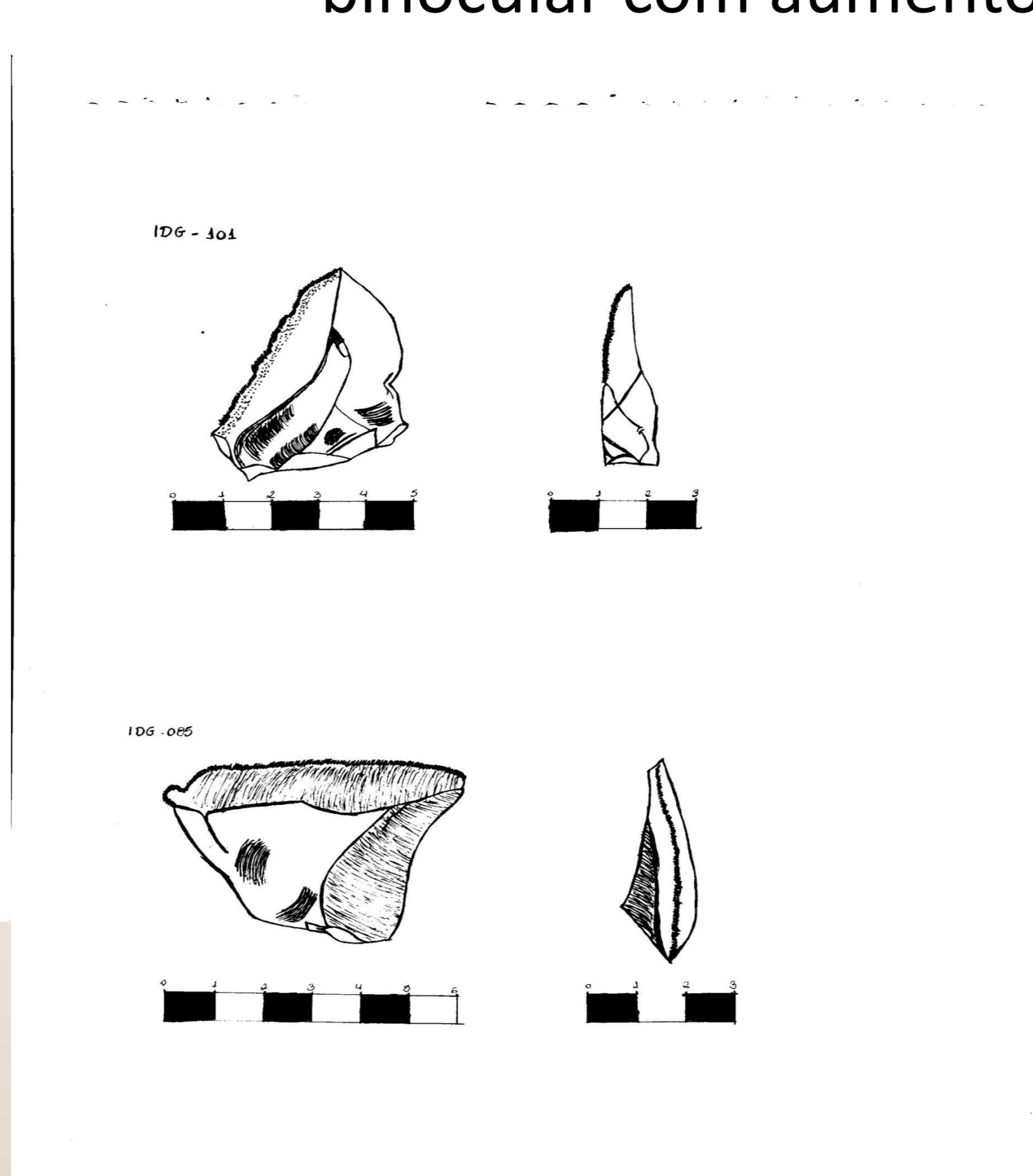
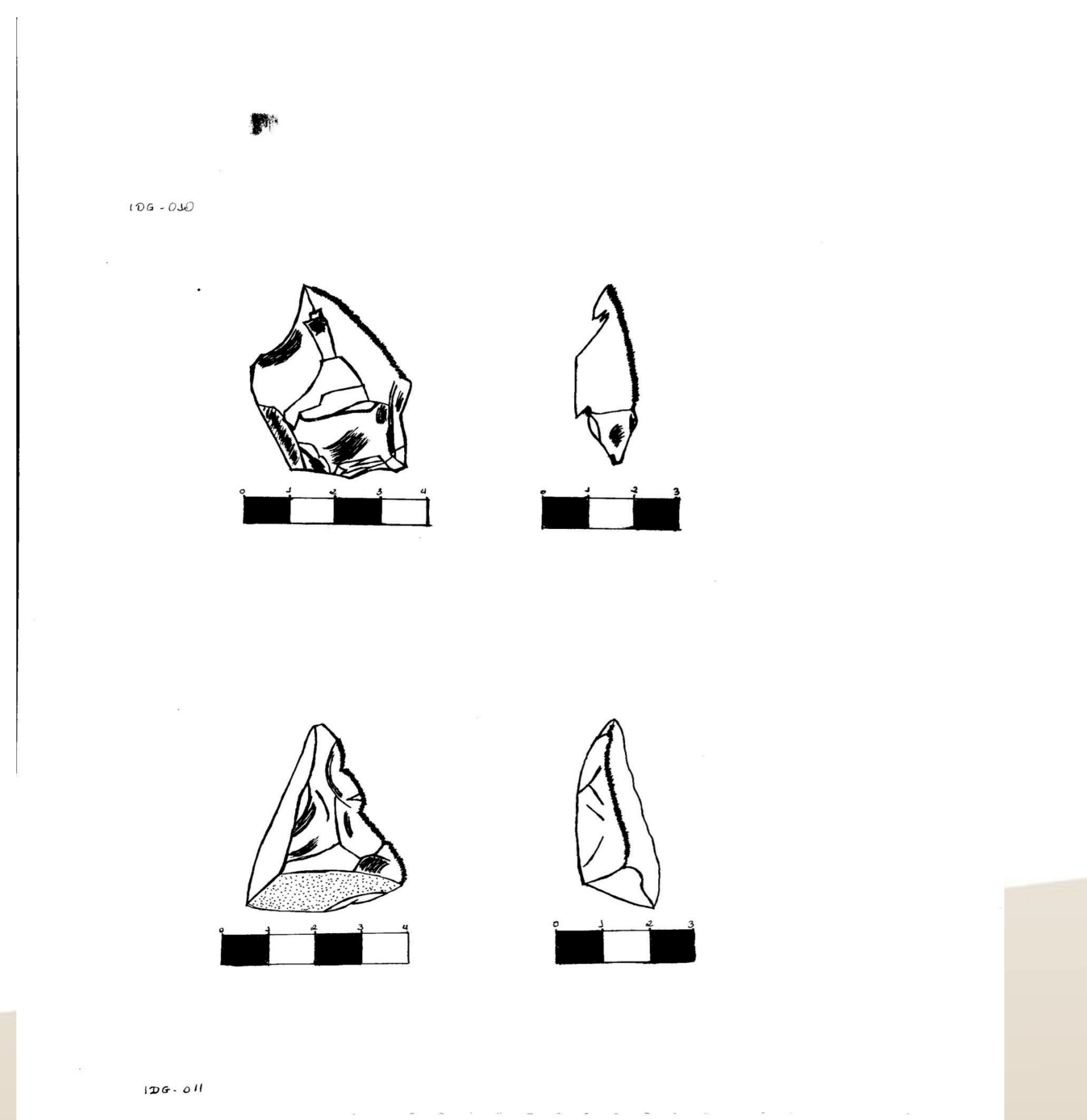
* Débora Korine Regonato – Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, voluntária no laboratório de Arqueologia – UFGD.

** Alessandra Peixoto Lopes – Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, voluntária no laboratório de Arqueologia – UFGD.

*** Rodrigo Simas Aguiar – Docente, coordenador do laboratório de Arqueologia – UFGD.



Serão apresentados os resultados da análise de artefatos líticos da coleção “PCH Indaiá Grande”, procedente do município de Cassilândia, estado de Mato Grosso do Sul, e que integra a reserva do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Além da análise tipológica, empregou-se microscopia, com aumento de 40 vezes, na busca por estigmas de uso e na identificação da matéria prima. Apesar da dificuldade de se propor cronologias e de se inserir os artefatos em uma das tradições arqueológicas registradas em Mato Grosso do Sul, especula-se, a partir da comparação com outros remanescentes do mesmo município, a relação do conteúdo analisado com a Tradição Una. O acervo referente ao monitoramento da PCH Indaiá Grande constitui-se de um total de 110 peças, compostas de amostras de carvão, fragmentos de vidro, resíduos de lascamento, lascas comuns e lascas potencialmente utilizáveis como instrumentos, dos tipos raspadores, furadores e lâminas. No laboratório, ocupamo-nos de analisar exclusivamente o material lítico, claramente relacionado a contextos pré-históricos, descrevendo a tipologia dos artefatos e buscando potenciais estigmas de uso. Para tanto, seguimos conceitos básicos vigentes há décadas, instituídos pela arqueologia desde o importante trabalho de Semenov: ocupar-se da anatomia da lasca, desde sua elaboração por percussão até os possíveis retoques por pressão, buscando também identificar alterações na forma e na textura nas áreas empregadas no trabalho, como bordes e gumes, que resultam em faixas com brilho, opacidade, estrias ou microlascamentos. Para desenvolver este tipo de análise, em alguns casos é preciso submeter o material a microscopia. No laboratório utilizou-se estereoscópio binocular com aumento de 40 vezes.



Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico